

# O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietario—A. Azevedo.

ANNO II.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 25000 por trimestre, na typographia do *Paz*, Largo de Palacio n. 17.

NUMERO 31.

## O DOMINGO.

MARANHÃO, 17 DE AGOSTO DE 1873.

### A poesia popular brasileira.

(Continuado do n. 29.)

VA

A transplantação da poesia popular, ou si quizerem, das tradições que lhe servem de base, está sujeita a certas regras, deduzidas da observação e da experiencia, sob as quaes esta se desenvolve, e sem as quaes ella é impossível.

Note-se que se não trata da *formaçào* poética do povo, que tem tambem as suas regras, e sim da transplantação das lendas de uma nação conquistadora ou invasora para outra que lhe soffre a influencia.

No primeiro caso, no da *formaçào* poética, o povo não vai buscar tradições alheias, muitas vezes á sua indole, aos seus costumes, á sua religião, á sua mythologia e á sua lingua; crea, tece a sua historia legendaria, que é a manifestação de sua propria personalidade, com essa intenção, como que universal e commum á todas as nações, de que fallamos já, citando o estudo de M. Gisli Bryonjuísson sobre o romance francez. \*O maravilhoso, o cavalheiresco, o magico, o inesperado, tudo isso concorre para o *romanceiro* popular, e sem factos esses que se encontram no espirito dos *romances* e lendas populares de qualquer nação.

Na transplantação, porém, não se dá isso. Por falta de originalidade, de mythologia, de lingua desenvolvida, um povo aceita a influencia de outro, a sua religião, o seu direito, a sua lingua e as suas tradições.

Nós já mostramos ligeiramente as razões da nossa pobreza poética, e da pouca accentuação que se ha de notar no nosso *romanceiro*, assim como tambem as pessimas condições em que se deu a transplantação e, por consequencia, a corrupção fatal a que chegou.

Por isso não entraremos em explanações mais largas sobre este ponto, e apenas nos contentaremos com procurar as razões que atuaram, a nosso ver, sobre a

não implantação dos romances mouriscos e de captivos, investigação que, dizemol-o de passagem, funda-se na applicação dos principios, reconhecidos e accritos, sobre os quaes se dá a transplantação, mas que pode falhar em relação a qualquer outra provincia que nos é desconhecida, e onde seja repetido o romance mourisco. Esse facto, si elle se verificar, pode ser explicado então por outra qualquer razão, que diga respeito a circumstancias particulares de colonisação. (1)

Na *transplantação* ha uma lei generica, que se pôde synthetisar d'este modo:—O povo adopta de preferencia os romances tradicionais que não dizem respeito a facto algum particular, e, quando acceita as tradições de outro povo, vai substituindo lentamente os seus herões aos extranhos. (2)

A explicação d'esta lei é facil.

A poesia popular não é um facto que decorra da uma mera diversão individual, como se dá no lyrismo choramingas do poeta, que conta as scenas de seus amores, passadas á beira do regato e á luz da lua. Não é tambem o effeito de uma revolução erudita, que imponha suas regras, vasadas ás mais das vezes em moldes acanhados (como o classismo); nem tão pouco a accumulacão premeditada e regularizada de lendas e tradições; apanhadas aqui e ali, somente com o desejo de formar-se um *romanceiro*.

Citam-se exemplos para provar esta asserção. O provençalismo, apesar da opinião de Fauriel, que sustenta ter sido elle a origem do romantismo cavalheiresco da França, o provençalismo, diziamos nós, nenhum effeito fez á poesia popular franceza, porque elle se limitava ás alambicadas imagens das *córtés de amor*, enervan-

(1) Como prova citariamos, por analogia, o facto que deve se ter notado nos *romances* colhidos no Maranhão, de que todas as suas variantes em geral approximam-se, cu enlão são perfeitamente semelhantes ás *versões* e *variantes* da Foz.—Não sabemos ainda qual a explicação d'isto, mas deve prevalecer ahí alguma razão particular que diga respeito aos primeiros colonisadores d'aquella provincia.

(2)—Th. Braga—*R. Port.* T. I Pags. 7 e 8.

do antes o espirito popular, do que fortalecendo-o.

A poesia lamartineana nada trouxe tambem á tradição popular e tende a morrer. Do que Camões escreveu, foram os *Lusiadas* que lhe deram nome, porque n'esse poema soube elle apropriar-se do genio popular portuguez (a marcação), e entresacou n'aquelle monumento immoredoiro as tradições mais affagadas de seo paiz (o elemento cavalheiresco representado no episodio do Magriço; o elemento maravilhoso no milagre de Ourique e etc).

Os sonetos e as canções de Luiz de Camões sam de merito, é verdade, mas desapparecem junto aos *Lusiadas*.

O classismo do seculo de Luiz XIV é hoje apenas um documento, mas nunca poderia formar uma tradição. Racine, Boileau e Corneille, para nós o de mais merito dos tres, hoje sam lidos por mero interesse historico. O classismo do seculo XVIII, em Portugal, não conseguiu mais do que pôr uma mordaca ao genio popular, sem poder fazel-o accuitar as suas regras. Tanto a *Arcadia* d'esse tempo, como a mais recente *Nova Arcadia*, sam de enfadonha e soporifera memoria.

As collecções de Macpherson, finalmente, jamais conseguiram passar por cousa melhor do que ellas sam—bordados a capricho sobre lendas feitas por um estudioso.

A poesia popular é um acto serio e fatal, que se origina do vasto complexo de circumstancias, que presidem á civilisação e ao desenvolvimento de um povo.

Embora a sua origem seja individual, ella não acceita do individuo sinão os traços geraes que podem ser agoitados á sua indole. Assim é que, na idade media, a poesia jorgalesca entra no processo da formação poética do cyclo de Carlos Magno.

Carlos Magno era o heroe, em torno do qual se cruzavam e grupavam todas as aventuras cavalheirescas de então. O jogral ia cantando de castello em castello, jornadaando sempre, pagando a hospitalidade que lhe davam com os seus cantos.

D'estes cantos, ouvidos pelo povo, ia-se

originando a tradição até a sua formação completa.

Como o jornal, o *homérice* da Grécia primitiva foi o elemento originário dos poemas homéricos.

O terracamento dos cruzados em Portugal concorreu para a formação do seu *romanceiro*, pelas implantações das tradições celticas e normandas.

Foi com este princípio individual que se formaram os grandes cycles do *romanceiro* francez (cycle Bretão e cycle Franko) e os romances normandos do portuguez (cycle do rei Arthur, Tavola Redonda etc, com substituição dos heróis estrangeiros, e os grandes poemas heroicos da Illiada.

A' vista do que vai dito, vê-se a verdade da primeira asserção da synthese atrás estabelecida. Tudo quanto é generico, geral, congenito ao pensamento da povo, elle accetia; o que o particular é regeitado.

Quanto á segunda parte— a substituição dos herões, citaremos para exemplo, em primeiro lugar, o cycle do rei Arthur, accetio em Portugal, e a substituição do rei Arthur por D. Sebastião o Eusebio (3), e depois Magriço e seus companheiros, em substituição a Carlos Magno e os 12 Pares do cycle de Tavola Redonda.

As tradições do Norte da Europa, Scandinavas sobretudo, deram por sua vez o simile para os romances carlvingios.

Assim é que as lendas do *Holf-Krake* e seus herões, do *Beir Half* e seus guerreiros e do typo inicial de todos elles—*Odin* e seus 12 companheiros, sam origens para as tradições do cycle Carlovingio. (4)

Proxada a asserção no seu todo, e cremos que os exemplos dados bastarão para isso, passaremos a fazer a applicação, quanto á questão dos romances mouriscos e de captivos.

O gosto mourisco principiou a espalhar-se em Portugal no seculo 16, epocha do descobrimento da colonisação do Brazil.

Este facto, só por si era bastante forte para não transplantar-se para o nosso *romanceiro* o elemento mourisco, e a razão é simples.

Para accentuar-se perfeitamente uma tendencia sobre a poesia de uma nação, é necessario um espaço de tempo não pequeno, até que elle se solidifique como tradição. Logo ao principio o romance mourisco seria pouco cantado; os colonisadores, por consequencia, não sabel-o-hiam, e, em conclusão, não poderiam trazer-o para o Brazil. Depois a tendencia foi-se modificando, outra evolução appareceu, e o romance mourisco ficou completamente desconhecido para nós.

Os interesses mudaram, com o seguir dos seculos, a indola tornou-se outra para o Brazil e o gosto mourisco fenecceu.

Acceesce em segundo lugar, que, mesmo em Portugal, a sua duração não foi longa, e o seu cunho não foi verdadeiramente popular em tudo. Abundam nos romances mouriscos d'esta parte que analysamos (3) muitas descrições e narrativas, o que não é natural e commum na poesia popular, e demonstra mais uma invenção erudita.

Excepção feita da versão de Traz-os-Montes do *D. Gafeiros*, que tem toda a simplicidade dramatica do povo, os outros—*Molendra* (variante de Traz-os-Montes de *D. Gafeiros*), *Brancaflor* (Extremadura) e a *Moura Encantada* (Algarve)—, estão cheios de descrições, principalmente nas lições de Garreit. Sendo assim, é facil concluir que, não sendo elles correntes em Portugal, e tendo esse facto de d'isso sobre a sua origem, não fossem transplantados para cá. O Romance de *Molendra* e o mesmo que vem no *D. Quijote*, par. 2. cap. 26.

Em terceiro lugar, notarem os que nós não tinhamos herões nenhuns que podessem offerecer similes aos dos romances mouriscos, e que, por consequencia, ainda que elles chegassem até aqui, seriam por isso despresados e esquecidos.

Poderião objectar-nos que não tinhamos tambem herões para os outros que herdamos, e que entre nós se conservam ainda. Mas a isto responderemos que, n'esses outros romances, havia outros elementos, o maravilhoso, por exemplo, para que elles fossem accetios, ao passo que nestes, apesar de se encontrar o cavalleresco, ha o facto do captiveiro dos christãos, que nos não é conhecido no caracter apresentado nos romances em questão.

Quanto aos romances de captivos, a questão nunda um pouco de figura. Já não é a falta de assumpto e de terreno proprio para a sua transplantação, mas sim mudança completa do fundo sobre que elles se baseam, isto é, o captiveiro.

O captiveiro em Portugal, com as invasões barbaras e dos Mouros, dava para se tecer sobre elle lendas e historias interessantes.

Era o captiveiro digno, procedente de uma desgraça na guerra, em que o captiveiro comprehendia a sua posição e trabalhava por conservar-se sempre na altura de seu nome e de sua patria. Sofriam-se estoicamente os castigos inflingidos, mas nunca vergava-se a cabeça.

Bem se vê, por ali, que era esta uma fonte inesgotavel de bellezas para a formação poetica.

Mas entre nós não de deu isso. Houve o facto, que se chamou escravidão.

Não era mais o consequente de uma desgraça, era o effeito de um contracto commercial.

Aqui eram já as lévas do Africano embrutecido, nos portões infectos e miasmaticos dos navios negreiros; a falta de dignidade do escravo, era a ignorancia do

negro, que sujeitava-se, como um animal, ao serviço pesado dos engenhos e das minas. A hostilisação inculcava-se na população e o sentimento da personalidade perdia-se. O estado d'essa classe era repulsivo então.

Ora, um elemento corrupto d'este modo nada podia produzir, e não produziu.

Foi por isso que, com o facto da escravidão, não se deu entre nós a implantação dos romances de captivos.

Veremos mais tarde como o elemento negro entrou na formação da nossa poesia, apresentando exemplos.

Cremos serem estas as razões pelas quaes não encontramos na tradição lumbanca d'esses romances.

Passaremos agora ás *Lendas Perdidas*, 5.ª parte do R. T. do *Romanceiro* de Th. Braga.

(Continua).

*Curso de Magalhães.*

### A fidalguia provinciana.

Na Inglaterra, no paiz aristocratico por excellencia, onde um lord não se digna olhar para um *shoemaker*, a fidalguia sujeita-se ao nivelamento das classes nos wagons das estradas de ferro.

Si um sapateiro abastado pôde pagar um lugar de 1.ª classe, vai sentar-se ao lado do lord e este não o pôde mandar levantar porque o dinheiro do fidalgo tem o mesmo valor que o do plebeu.

Isto dá-se na Inglaterra, onde não sei si ha pares ou commendadores gerentes de companhia de *bonds*.

Na nossa terra não succede o mesmo.

Aqui, onde não ha essa fofa nobresa de sangue, porque não temos descendentes de *Godofredo de Bouillon* nem de *Raul, conde de tal*, nobres cruzados que foram á Palestina para resgatar o Santo Sepulchro; esta nossa aristocracia, em miniatura, querendo parodiar a franceza no tempo da regencia, é mais enfiada do que a do bairro *Saint-Germain*.

Como dicemos, não temos nobresa de sangue; as arvores geneologicas dos nossos aristocratas são bem rachiticas.

Aqui ninguém tem por antepassados os barões da Terra Santa, os commendadores de Malta; lá um ou outro pode ter nas veias alguns pingos do sangue já degenerado dos *Fuas Roupinho*, etc: é o mais a que pôde chegar.

Amór parte dos nossos homens de brasones, não descendem dos cavalleiros andantes da idade-media, ainda que muitos dos nossos nobres tenham ares do heroe de Cervantes.

Aqui, o barão de tal si não foi feito de alguma fazenda, em seus primitivos tem-

(3) Th. Braga.—*R. Fort*

(4) M. Gieff. Bryonjultsson.—*Estudo*, cit. Pags. 398—9.

pos, o seu avô foi taverneiro, assoprador de tripas, ou plantador de batatas nos saudosos campos do Mondego e aquelle que diz vir de um Afonso de Albuquerque, ou Vasco da Gama, não é mais do que neto de algum capitão de navio occupado no ignobil tráfico da escravatura africana!

Aqui, a nossa imitada aristocracia quer parodiar os bons tempos da França, quando governada por um duque de Orleans.

Porém ou é muito tarde, ou muito cedo. Fazemos estas reflexões, em vista dos acontecimentos do *Cutin*, onde a nossa nobreza provincial lançou fora dos *bonds* e apupun a *burguesia* que onsara pretender um logar ao lado dos figurões de sangue azul.

Realmente sentimos não terem apparecido alguns Richelieus para dar-lhe uma lição.

Agosto de 1873.

Camillo Desmoulin.

### Supplica.

A—J. L.)

I

Virgem formosa, tão modesta e candida.  
Cheia de graças e de encantos cênicos,  
Que adôrn e estremeço!

Abre o teu coração casto e virgineu,  
E acolhe a minha pobre e humilde supplica  
—Si tanto te mereço...

Sei que não sonhas europeis e titulos  
Que a vida tornam—transformando os habitos—  
Em agro sofrimento;

Nem pôde um genio como o teu, angelico,  
Sonhar grandezas, desejar palacios,  
Sequer por um momento.

Bem sabes que não é na vida esplendida,  
Cheia de pompas e prazeres ficticios,  
Que existe a felicidade;  
Ha nella, ás vezes, do eiuma frívolo  
O negro inferno, que transoutra rapida  
Em odio, a amizade.

Ah! nunca creias nesses brilhos lucidos  
Prenancios sempre de uma paz ephemera,  
—Tu nasceste p'ra amar!

Nessa candura que contemplo extactico,  
Tal sentimento em caracter's magnificos  
Eu pude divisar!

Captivou-me esse dom. Te hoje incólume  
Dos que amor faz gosar, doces effluvios,  
Sem nada ter sentido,

Não posso reprimir o affecto indómito,  
Nem calar por mais tempo o grito intimo:  
—Confesso-me rendido!

Oh! meu anjo de amor, imagem púdica  
Dos magos cherubins, que o solio ethéreo  
Habitam do Senhor!

Abre o teu seio virginal aos zephyros,  
Manda-me nelles presurosa um átomo  
Sequer do teu amor!

II

Não vês, ás vezes transformar-se a abóbada,

E negra cerração tornal-a a noite,  
Diffundindo pavor?

E logo após não vês o astro regio  
As trevas dissipando atmosphéricas,  
Dar-nos vida e calor?

Tal foi a transição perfeita e súbita  
Que, com a chamma de teus olhos, vivida,  
Eu pude conhecer:

De sombrio que era, e melancólico,  
Em almos gozos, em prazer e jubilo  
Mudou-se o meu viver!

Hoje sou outro, minha virgem languida!  
E consagrando-te um amor sem macula,  
Ardente, sem igual,

Quero embeber-me n'uma vida plúcida,  
E teus conselhos abraçando, sábios,  
Tomar-te por planal!

Anjo fagueiro, tão singela e tímido!  
Tu que és somente o venerando idolo  
Da minha adoração,

Oh! dá-me puro e salutar o balsamo  
Que desta vida dulcifique as mágoas,  
Celeste emanação!

Musa adorada desta lyra gélida  
Que só tem vozes p'ra sagrar-te canticos  
Mesquinhos, sem valor;

Oh! dá-lhe inspiração sobeja e prévida  
N'um terço olhar vivificante e magico  
Que só traduz—amor!

Bisonho enlevo dos meus sonhos aureos,  
Ah! quantas vezes, vaporosa sylphide  
D'angelico semblante,

Tu me appareces, e eu procuro sóffrego  
Das tuas vestes oscular as fobrias!  
—Mas foges n'um instante...

Volves depois, e desocifrando os labios  
Que a cor imitam dos rubis, purpurea,  
A' vida me remonas

Nesse sorriso de um poder magnifico  
Com que—um porvir de perennas delicias  
Tão bello, enfim, me apontas!

Oh! meu anjo de amor, imagem púdica  
Dos magos cherubins, que o solio ethéreo  
Habitam do Senhor!

Abre o teu seio virginal aos zephyros,  
Manda-me nelles presurosa um átomo  
Sequer, do teu amor!

Deixa que eu possa n'um viver poetico,  
Rindo do mundo que eu detesto cynico,  
Somente em ti pensar!

Oh! deixa-me atentar a esp'rança férvida  
De virmos inda a ser um'alma unica  
Um dia, aos pés do altar!

São Luiz, janeiro de 1871.

Vitruvio de Calazans.

## CHRONICA.

Santa Filomena.—Gabinete Portuguez.—Poesia exdruxula.—Desamparadas, pobres e virtuosas.—Recommendação, pedido e conselho.—O Sr. Mariano Neves.—Retrato da firma Ferreira Santos e C.ª.—Negocios da China.—Adens.—O que trouxe o vapor Bahia.—N. S. da Gloria.

A festa de Santa Filomena terminou como principiou: fria, monotona, completamente monotona, e portanto não devo mettel-a á pulha. Não acha leitor?

—As meninas Riosas deram um espectáculo em beneficio do Gabinete Portuguez. Foi muito bem applicado.

E' o Gabinete uma verdadeira casa de instrução e não pode ter sido mais util aquelles cujo espirito se propoz a cultivar. Comprando excellentes livros, redigindo bons regulamentos, estabelecendo preços modicos aos subscriptores tem o Gabinete attingido o seu *desideratum* embora falhem-lhe o amor de muita gente egoista, que o devia ajudar, para, ao mesmo tempo, ser ajudado por elle.

Em um dos intervallos do espectáculo distribuio-se uma poesia duas vezes exdruxula. Tomem agora no sentido que quizerem.

—Sabbado o Sr. Riosas e suas meninas dão um beneficio á familia do fallecido escrivão Honorato Sá.

O que hei de eu dizer acerca deste beneficio, leitor amigo? Está no dominio publico o misero estado a que ficaram reduzidas essas meninas por amor das desgraças de seu pobre pae que morreu na miseria e o modo nobre e louvavel com que sempre se houveram nessas condições em que o que de mais sagrado possui a mulher fica ás bordas de um abysmo profundo parisso que a corrupção tem tocado o seu zenith.

Portanto a unica recommendação que lhes faço, leitores, das infelizes filhas de Honorato Sá resume-se nestes tres qualificativos:—*desamparadas, pobres e virtuosas.*

—Em outro logar, neste jornal acha-se publicado um pequeno artigo sobre a *viagem ao luar dos bonds*, que tanto tem dado que fallar.

Recommendo-a aos leitores.

Ainda uma vez peço ao sr. Monturo que faça com que se não repitam semelhantes scenas: olhe que eu sou muito seu amigo e, para proval-o, vou dar-lhe um conselho:—não vá nunca ao Pará—porque aquella gente que chama *canúa* á *canúa*, chama-o *Monturo* com toda a certeza.

—O sr. Mariano Neves é um dos nossos mais habéis typographos e tem se destinado muito com a impressão do *Publicador Maranhense*, de cuja typographia foi nomeado administrador.

—O Baptista, como sabem todos, estabeleceu-se com o Scabra á rua do Sol.

Peço a attenção publica para a taboleta que lá está á porta de sua loja, representando os donos da caza a venderem.

Não podem estar mais parecidos com outros quaesquer que não sejam elles.

Isso de modo algum!

—A Companhia de quadros vivos, ha

tanto tempo esperada, chegou enfim do Ceará no *Bahia* e brevemente dará o seu primeiro espectáculo.

Acerca desta companhia, que tem sido applaudida no Sul, diz-me um sujeito do Ceará: «Não é nenhuma *bestagem*: ha quadros bonitos, dignos de apreço; mas a gente é feia que faz correr.»

—Tambem chegaram, no mesmo vapor, o Exm. Sr. Dr. Maia e o Revm. Sr. governador do bispado.

—Graças ás Exm.<sup>as</sup> directoras do acreditado collegio de N. S. da Gloria foi a ultima sexta-feira um verdadeiro dia de festa.

Esteve esplendida a missa que se celebrou pela manhã na ermida de N. S. dos Remedios, cuja musica foi para esse fim expressamente composta pelo meu distincto amigo Leocadio Raiol.

A igreja estava repleta de formosuras o que por ventura deu maior realce á festa.

Dou os meus parabens á companhia Ferro Carris que muito aproveitou da função.

A noite o concerto esteve soberbo, já pela numerosa concurrencia, já pela escolha das excellentes peças que se cantavam e tocavam. Ficaram todos satisfeitos e extasiados.

—Termino, apresentando ao leitor a resposta da carta dirigida por Confucio a Tokang Bung.

Confucio.

Que comas bem e durmas melhor desaja-te de coração o teu servo Tokang.

Das duas uma, meo gordo Confucio—ou perversam-te ou illudiram-te. Ora, nunca me hei de esquecer das tuas *cousas extraordinarias*, dessa epistola inflammatoria e virulenta em que a reputação de um *turdulo* desemanado soffre a mais *coruscante* palinodia do que te poderás murmurar. O bipede com que te honveste, obeso amigo, é justificavel, muito justificavel: é—o na acepção da palavra: nem foi *Zoilo*, nem é *Aristarcho*, é um pobre diabo carregado de esteiras velhas, como se costuma dizer.

Eu o conheço e apesar dos milhares de leguas que nos separam e quasi antipodas nos tornam, recorde-me bastante do *turdulismo* de suas feições, daquelle fronte scismadora e cujos traços lia-se a doce alizez dos predestinados. Não é um bipede intruso, como lhe chamas, admittido por mera condescendencia entre os mais; pelo contrario, elle é que della emprega uma boa somma para supportar-lhes as companhias porisso que o mundo devia ser só seu; está muito

acima desse postivo *isimo* burguez, em que o queres lançar; é um homem do progresso, é um typo essencialmente norte-americano, e si o duvidas, considera—pois tu proprio confessas—que, ferrador, transformou-se em redactor de gazeta como uma pouca-lousa se transforma em beija-flôr. Mas has de consentir, Confucio, que justifique a teus olhos essa aberração exdruxula. O bipede que te foi assumpto sonhava com as letras e vivia para ellas como tu sonhas com o teu arroz, com as tuas unhas e vives para o teu rabicho; em tudo elle descobria caracteres: a mandegoura em que o predilecto cavallo se nutria descansavam sobre uns pés que tinham a forma de um—A—; duas ferraduras juntas pareciam-lhe um—B—; uma só um—C—; um estribo, um—D—; não sei que mecladella fazia com as pernas o cavallo que parecia-lhe—ora um—E—, ora um—F—, o rabo do animal muitas vezes enroscando-se como o chicote de um conductor parecia-lhe um—G—; as cangalhas de certo burro semelhavam-se a um—H—; uma das pernas do cavallo parecia-lhe um—I—, e muitas vezes um—J—; qualquer cousa parecia-lhe um—K—, ou um—L—; sonhava em unir as pernas do quadrupede para formar dellas um—M— ou um—N—; duas ferraduras juntas pareciam-lhe um—O—, uma dita a cabeça de um—P—; duas um—Q— (incompleto) tambem formava—R—S—T—V—X—Y—Z—de ferraduras; porém o que mais o impressionava era o—U—; uma ferradura era um perfeito—U—.

Céo, dizia-se elle, o que quer dizer este—U—? *Unanidade*? Será?

Sim Sr., Sr. Confucio, era a da humanidade a causa que elle sonhava defender.

E realisaram-se-lhe os sonhos, olé! A sua vida jornalística é o mais inequivoco documento de que não desconhece, como dizes, a sua origem, nem tenta reagir contra as leis da natureza, nem tem as pessimas qualidades que lhe emprestas em tua epistola. Não é ingrato, o para prova ahí está o gado muar, cujo advogado tornou se como tu proprio confessas, gastando (palavras tuas) grande parte de sua logica de alveitar levantando-lhes monumentos laudatorios.

Não posso admittir, meu adoravel Confucio, que tu outr'ora justo como um mandarim te tenhas tornado menos generoso para com o proximo. Tu, tam bondoso, tam affavel, tam distincto como um presidente de provincia que, seja ou não seja, é sempre tudo isso, tu que, quando refastelado nos teus cochins de damasco,

coberto com o teu diaphano mosquiteiro, fumando o teu saboroso opio, embalado pelas delicias dos sonhos dourados do louro Oriente, distribuías panegyricos á mão cheia e não traçavas nunca uma palinodia qualquer, estás outro, filho do Indostão. Sou capaz de jurar pelo fogo sagrado da madeira Ravisitou, que estás magro, e cortas as unhas. Pela bençam de um bramine, Confucio, tu moras em casa assobradada e comes arroz com o mão.

Espero que na primeira occasião me falles do *Jupiter Tonante* ou do Mandarim, que de ha pouco tempo administra o celesto imperio.

Comas bem e durmas melhor.

*Tokang-Bung.*

—Agora duas palavras de despedida aos benevolos leitores:

Elóy, o heróe vae deixar-vos anabilissimos, si não para sempre ao menos por muito tempo; por isso que pede desculpa das faltas em que incorreu, e paciencia tenham aquelles a quem não conseguiu agradar.

Nem tudo é moeda de cinco patacas que agrada a todos, na phrase popular.

Mas, si me permite o leitor, dir-lhe-hei que pouco menos importante foi o meu papel do que os dos mais importantes organs da imprensa maranhense.

Dê o leitor uma olhadela e verá que o *Paiz*, o melhor jornal do Maranhão, si não do Norte do Brazil não tem transcendencia, com que se ocupe; as correspondencias do interior, o monotono velho matuto, etc. enchem-lhe as columnas; o *Diario do Maranhão*, esse *coitado* é de tal ordem que não deu noticia de uma demissão por ter medo do demittido; o *Publicador Maranhense*, esse é bem redigido, não ha duvida, mas—é o diabo, homem—está de baixo do *posso*, quero e mando do governador; o *Telegrapho* dá bordoadas a valer e leva vida flautecada e milagrosa; além do *Domingo* cujas chronicas não têm sido menos despidas de interesse do que as noticias de todos esses jornaes, só nos resta o *Apreeciavel*, que abandonado de todos, leva a cantar todos os sabbados:

N'este campo solitario  
onde a desgraça me tem;  
fallo, ninguém me responde,  
olho, não vejo ninguém!

Ja vê o leitor que a culpa de tudo isso não é minha nem dos outros; mas para quem, como eu, não se envolvia em politica, mesmo por não ter tempo para isso, acha uma desculpa na propria culpa.

Até.....

*Elóy o heróe.*